

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº201 JANEIRO - PORTO VELHO, 2006
Volume XV Janeiro/Março

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

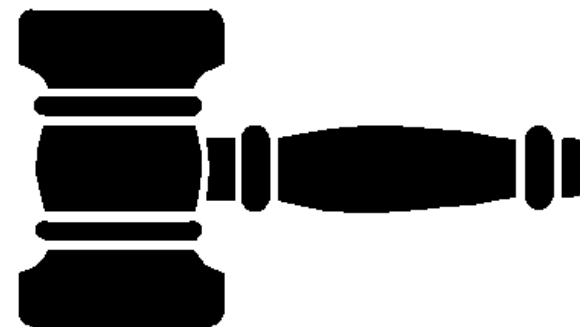
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

201



**A COOPERAÇÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS
DA EDUCAÇÃO: UM EXEMPLO NECESSÁRIO.**

Ivanir Olegário de Menezes



A COOPERAÇÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM EXEMPLO NECESSÁRIO.

Ivanir Olegário de Menezes¹

Resumo

Uma das críticas que se faz à educação diz respeito à dicotomia entre a teoria e a prática em grande parte das ações desenvolvidas pela escola. O presente trabalho traz à tona um tema em torno do qual se percebe uma lacuna considerável entre o discurso e a prática da maioria dos profissionais da educação: a cooperação. Enfatiza, ainda, a necessidade de se desenvolver nas escolas trabalhos mais coletivos, a fim de que os discentes, mirando-se no exemplo daqueles que integram o quadro educacional, desenvolvam a capacidade de trabalhar em equipe e o espírito de solidariedade.

Palavras-chave: cooperação, escola, profissionais da educação.

THE COOPERATION BETWEEN PROFESSIONALS OF THE EDUCATION: A NECESSARY EXAMPLE.

Abstract

One the critical that it becomes to the education to a large extent says respect to the dichotomy between the theory and the practical one of the actions developed for the school. The present work brings to display a subject around which if it perceives a considerable gap between the speech and the practical one of the majority of the professionals of the education: the cooperation. It emphasizes, still, the necessity of if to develop in the schools more collective works, so that the learning, looking at oneself in the mirror themselves in the example of that they integrate the educational staff, develop the capacity to work together and the spirit of solidarity.

Key-words: cooperation, school, professionals of the education

Introdução

Uma característica muito valorizada hoje no mercado de trabalho é a capacidade de trabalhar em equipe. Já não há mais espaço para o individualismo, o isolamento, o fazer tudo sozinho. É necessário saber compartilhar idéias, colaborar para que projetos sejam executados com êxito, ser solidário com os colegas, cooperar, a fim de que as metas comuns sejam alcançadas.

Uma pessoa que não interage com o grupo, que não contribui para que o local de trabalho seja agradável e produza resultados positivos tende a ser o principal alvo nas substituições que ocorrem nas empresas e instituições dos mais variados segmentos, inclusive nas públicas.

¹ Licenciada em Língua Portuguesa pela UNOESTE/SP, especialista em Língua Portuguesa pela FPAA/SP, pós-graduanda em Metodologia do Ensino Superior pela Unintertes/RO, é professora de Língua Portuguesa na Unicentro e na rede estadual de ensino em Jaru/RO. profivanir@bol.com.br.

Este artigo, embora fundamentado em pesquisas bibliográficas, é fruto também de experiências pessoais e tem o propósito de discutir a cooperação no âmbito educacional, por entendermos que para a escola cumprir 'bem' o seu papel é preciso que todas as pessoas nela envolvidas estejam conscientes de que ali não é um espaço para competições, mas um espaço de interação e troca.

Na escola todos são importantes e responsáveis pelo ensino

A escola é uma instituição social cujas atividades são desenvolvidas por pessoas que possuem diferentes graus de instrução e exercem funções diversas, porém todos influenciam de algum modo a formação daqueles que a procuram. Para Lenhard,(1998) é importante que o grupo esteja consciente disso:

A escola é um espaço interativo e coletivo. Seus participantes devem ter como objetivo principal e atividade-fim: o ensino. Mesmo os que trabalham nas atividades-meio (secretaria,lanchonete,quadra de esportes) devem ter consciência da importância de sua participação no ensino. (p. 28)

A consciência da importância da participação de todos no processo ensino-aprendizagem, independente da função que desempenham, implicará um trabalho mais colaborativo, pois cada um dos membros da comunidade escolar (secretária, chefe de disciplina, direção, professor, auxiliar de serviços gerais, guarda, cantineiro, bibliotecário,etc.) sabe que o resultado final é a soma do trabalho de todos. E isso resultará em posturas e atitudes bem diferentes das que se vêem hoje na maioria das escolas, onde um grupo considera-se auto-suficiente, agindo como se não dependesse de ninguém para desempenhar bem a sua tarefa. Esquecem que:

Participando ou não diretamente do ensino, as pessoas até agora enumeradas trabalham dentro da unidade escolar, mantendo entrosamento relativamente estreito. Podem, por isso, ser chamadas membros dela. Dificilmente a presença de qualquer uma delas será totalmente irrelevante para a interação educativa conjunta. (LENHARD, 1998,p.29)

Outro grupo comporta-se como se o seu trabalho não tivesse relevância alguma, e um terceiro grupo, cuja preocupação maior é o salário que receberá no final do mês.

O comportamento dos três grupos é negativo no ambiente escolar. O do primeiro, porque desenvolve em seus adeptos o espírito egoísta e individualista. Não é raro encontrarmos nas escolas pessoas que mal cumprimentam os colegas. Incapazes de um gesto solidário, uma palavra de incentivo. Não compartilham idéias e geralmente nunca participam das reuniões sociais promovidas pela escola, pois não "querem se misturar". Segundo Rodrigues,(2000,p.72) "A escola não pode copiar o espírito de competitividade individualista e egoísta da sociedade capitalista."

O do segundo, porque se colocando na posição de 'coitadinhos' seus integrantes tendem a se tornarem displicentes e solitários. Muitos por julgarem a sua função menos importante que as demais não se empenham em melhorar a qualidade de seu trabalho ou executam-no com tanta má vontade que o fazem malfeito.

Consideram que não há problema em faltar, chegar mais tarde ou sair mais cedo, pois ninguém sentirá sua falta. Pouco se interessam pelos projetos da escola, não participam dos encontros de confraternização e reuniões, pois sua presença e idéias não têm importância.

E o comportamento do último é negativo, porque preocupados apenas com o salário, os membros desse grupo agem com irresponsabilidade e descompromisso. Faltam ao trabalho por qualquer motivo, são indiferentes às programações desenvolvidas pela instituição e quando solicitados a colaborar, verbalizam "só se for no dia do meu trabalho e para aquilo que fui contratado" "não recebo para fazer isso" ou "não é minha função".

Felizmente é possível encontrar um quarto grupo. Um grupo onde há o espírito de solidariedade e cooperação, cujos membros reconhecem que são fundamentais no processo de ensino e juntos procuram, apesar de todas as dificuldades impostas pelo sistema, desenvolver um trabalho sério e de qualidade, visando sempre ao bem-comum de toda a comunidade escolar, conscientes de que:

O processo pedagógico não se circunscreve à sala de aula, mas ao ambiente geral da unidade escolar. O aluno começa a compreender o valor da escola e o seu sentido a partir do momento em que nela ingressa: a partir desse momento, todos os que aí militam são educadores (...) toda gama de comportamentos que compõem a rotina escolar, concorrem para educar, formar o caráter, desenvolver conceitos éticos e políticos. (MASETTO, 2003,P.84)

Portanto, todos são importantes e responsáveis pelo ensino dentro de espaço escolar e devem trabalhar em cooperação, a fim de formar cidadãos que contribuam na construção de um país melhor e mais solidário.

Corpo docente & cooperação

Muito se tem falado e escrito sobre interdisciplinaridade. Nos encontros e reuniões pedagógicas, percebe-se a preocupação e orientação quanto à necessidade de se desenvolver trabalhos interdisciplinares. Contudo, nota-se, ainda, a resistência de muitos professores quando se fala no assunto, isto porque, como afirma Luck (1994, p.88)

O estabelecimento de um trabalho interdisciplinar provoca, como toda ação a que não se está habituado, uma sobrecarga de trabalho, um certo medo de errar, de perder privilégios e direitos estabelecidos (por menores que sejam). A orientação pelo enfoque interdisciplinar para orientar a prática pedagógica implica em romper hábitos e acomodações(sic), implica em buscar algo novo e desconhecido(sic). É, certamente, um grande desafio.

Realmente é um desafio, já que por força do próprio nome "interdisciplinar" pressupõe atividades cujas características são o trabalho em equipe, a cooperação, o diálogo, a troca de experiências, a ajuda mútua, o envolvimento. "Reconhece-se que, para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é fundamental que haja diálogo, engajamento, participação dos professores, na construção de um projeto comum voltado para a superação da fragmentação do ensino." (LUCK, 1994, p.80).

O que se vê imperar em grande parte das escolas é o individualismo e comodismo. Muitos professores quando convidados a participar de um projeto interdisciplinar até concordam, porém não querem “pôr a mão na massa”. Envolver-se, assumir responsabilidades, participar de encontros para elaborar o projeto, sugerir, disponibilizar tempo para orientar os alunos e tomar outras providências para a execução da atividade, isso não. O máximo que fazem é dispensar os alunos e acompanhá-los no dia da apresentação, se for dia de sua aula. Isto quando não aproveitam o momento para ficar na sala dos professores tomando um cafezinho ou para ir embora mais cedo, enquanto o colega coordena a programação na qual, muitas vezes, consta o nome dele como sendo um dos organizadores.

E há aqueles que alegam ser melhor trabalhar sozinhos, pois assim eles podem decidir o quê, quando e como fazer sem interferência de ninguém. Geralmente nesse caso, nem os próprios alunos são consultados.

Como os alunos aprenderão a importância do trabalho em equipe e da cooperação com exemplos assim? Para Sacristán e Pérez apud Masetto (2003,p.40) “É preciso transformar a vida da escola, de modo que possam vivenciar-se práticas sociais de intercâmbios que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada.”

Faz-se necessário que essa solidariedade, colaboração e experimentação compartilhada sejam vivenciadas, primeiramente, no cotidiano dos professores, pois apesar de a maioria cobrar de seus alunos trabalhos em grupo e discursar sobre a importância da troca de conhecimentos, poucos são os que estão dispostos a desenvolver essas práticas em seu cotidiano profissional. Até entre os docentes da mesma área há pouca cooperação. Não se dispõe de tempo para troca de experiências, para discutir idéias de como melhor trabalhar determinado conteúdo, para debater temas de interesse do grupo. Nota-se uma preferência pelo individualismo. Por vezes, tem-se a impressão de que alguns têm medo dessa troca, talvez por que, como afirma Perrenoud (2000, p.104) “inúmeros professores ainda se sentem ‘soberanos’, uma vez fechada a porta de sua sala de aula.” Porém, o mesmo autor alerta:

A evolução da escola caminha para a cooperação profissional. Modismo, sob a influência de sonhadores, dirão aqueles que só se sentem bem ‘sozinhos no comando’. No entanto, há múltiplas razões para inscrever a cooperação nas rotinas do ofício do professor. (p.79)

Dentre as razões por que a cooperação deve estar presente na prática do professor, uma merece ser observada com atenção: a ênfase dada ultimamente aos trabalhos com projetos.

Seja um projeto maior como o Projeto Político Pedagógica da Escola ou projetos menores envolvendo as disciplinas do currículo, todos exigem cooperação, troca envolvimento. No trabalho com projetos não há espaço para o individualismo. No lugar do “eu” existe “nós”. Há uma equipe e todos trabalham de forma solidária para alcançar os objetivos propostos pelo grupo. Ao participarem de um projeto interdisciplinar, os professores sabem da importância da integração entre os vários componentes curriculares. Sabem que por vezes, assuntos podem se complementar, temas podem não se repetir, situações e experiências profissionais podem ser exploradas conjuntamente, casos estudados com a participação de várias cadeiras, visitas técnicas preparadas, executadas e debatidas com mais de um professor, (...) exemplos de interação entre professores que facilitam e promovem aprendizagem.(MASETTO, 2003, p.48).

É claro que esse tipo de trabalho não agrada a quem quer ser a “estrela principal”, aos que vêem a escola não como um espaço de interação, mas como um espaço onde se disputa quem ou qual disciplina é melhor, quem realiza mais atividades extraclasses, quem está mais preparado e informado, quem possui a maior titulação, etc.

Porém, não são apenas aqueles que trabalham com projetos que compartilham idéias, são solidários, têm espírito de equipe. Cooperar é muito mais que participar de trabalhos coletivos. Perrenoud (2000, p.83) diz que:

A cooperação nem sempre implica projeto comum. Mesmo quando cada professor segue seu caminho e “faz o que tem a fazer”, acontece ser de seu interesse incitar a fazer alianças, arranjos, colaborações pontuais, sem, no entanto, fazer parte duradouramente do mesmo grupo. Saber cooperar é, desse modo, uma competência que ultrapassa o trabalho de equipe.

A cooperação se faz presente quando um professor se coloca à disposição do outro para auxiliá-lo em uma tarefa qualquer: como utilizar/manusear um recurso audiovisual, como elaborar um projeto, como proceder no preenchimento de um diário, etc. Há cooperação quando ocorre troca de informações sobre cursos, palestras, programas, materiais. Quando ao ser convidado para apreciar uma atividade desenvolvida pelo colega, não apenas dispensa sua turma, mas acompanha os alunos, ajuda a manter a ordem no recinto e abre espaço para comentar com os discentes o tema e a forma de apresentação.

São inúmeras as ações e atitudes dos professores que evidenciam existir ou não cooperação entre a classe. E os alunos, que estão sempre muito atentos, sabem quando o discurso em sala é um e a prática outra.

3. A necessária integração entre as diversas áreas da educação

São comuns as queixas da falta de cooperação de muitos profissionais que atuam nas diversas áreas da educação, entretanto, frisaremos aqui as seguintes categorias: secretarias e representações de ensino, equipe técnico-administrativa e pedagógica da escola, professores e alunos.

Por vezes tem-se observado no âmbito educacional atitudes semelhantes a dos personagens da fábula seguinte:

Conta-se que certa vez um leão encontrou um ratinho. Como estava aborrecido porque acabara de brigar com a mulher, pisou a cauda do rato e gritou “Miserável criatura, estúpida, ínfima, vil, torpe. Não conheço na criação nada mais insignificante e nojentoso. Vou te deixar com vida apenas para que você possa sofrer toda a humilhação do que lhe disse, você, desgraçado, inferior, mesquinho, rato!” E soltou-o. O rato correu o mais que pôde, quando estava a salvo, gritou pro leão: “Será que Vossa Excelência poderia escrever isso para mim? Vou me encontrar agora mesmo com uma lesma e quero repetir isso pra ela. (FERNANDES, 1985, p.112)

Segundo Rodrigues (2000,p.72):

As secretarias de educação impõem decisões a todo o sistema operacional de ensino, a inspeção escolar tende a se converter em vigilância burocrática, a direção da escola em preposto do poder do Estado na escola, a supervisão educacional em autoridade sobre os professores e os professores em ditadores frente aos alunos.

Nesse sistema de hierarquia cada grupo ao se deparar diante de outro, ao invés de agir coletivamente em solidariedade e colaboração ou age como o leão: pisa todos que estão à sua frente, ou como o rato: quer repetir as mesmas ações com que foi tratado.

Para comprovar essas atitudes basta atentar para a realidade educacional brasileira. São inúmeros os casos de servidores que ao procurarem as secretarias estaduais de educação ou representações de ensino são tratados com descaso e má vontade, isto porque alguns funcionários sentindo-se superiores esquecem que estão ali para colaborar, ajudar aqueles que precisam de seus serviços. Muitas vezes ao invés de facilitar, dificulta a vida e o trabalho do servidor e/ou escola. Muitos projetos e trabalhos desenvolvidos pelas escolas poderiam ter um alcance maior e resultados mais positivos se houvesse mais empenho e colaboração das secretarias e representações de ensino.

Embora muito se fale em educação democrática, esta, infelizmente, não é a realidade na maioria das escolas brasileiras, já que são poucos os Estados onde os administradores escolares são eleitos e não indicados, atendendo a interesses políticos. De acordo com Hora (2004, p35)

...a democratização de ensino, segundo os educadores, passa pelas mudanças nos processos administrativos no âmbito do sistema escolar, vislumbradas através da participação de professores e pais nas decisões tomadas, eleições para cargos diretivos, assembléias e eliminação das vias burocráticas.

O resultado dessa não participação de pais, alunos e professores na escolha dos diretores, leva algumas direções a priorizarem o cumprimento de ordens recebidas mesmo que estas não atendam à necessidade ou não sejam a realidade da escola. Há aqueles que dizem "ordem é para ser cumprida, não discutida" ou " manda quem pode, obedece quem tem juízo". Por mais absurda que seja a ordem, não há espaço para diálogo, um entendimento comum. Não se está aqui apregoando que não se deve cumprir as ordens, mas é preciso ter, no mínimo, senso crítico para analisar sua viabilidade, necessidade e importância. A mesma autora anteriormente citada, diz que numa gestão democrática "O diretor é aquele que está na liderança, a serviço da comunidade escolar para o alcance de suas finalidades." (p. 52)

Sabe-se que a direção pode em muito contribuir para desenvolver o espírito de solidariedade e cooperação dentro da escola. Como? Apoiando e participando dos projetos desenvolvidos pelos professores, tendo em vista que é a direção quem administra os recursos financeiros e o patrimônio escolar, e muitos projetos para serem executados dependem, em alguns casos, de aquisição de material e em outros da boa vontade do diretor para liberar espaço, som,

computador, vídeo, etc. Também sensibilizando o corpo docente e demais funcionários para que apoiem o colega que está desenvolvendo algum projeto ou trabalho extraclasse, facilitando os intercâmbios entre escolas, instituições superiores (se houver), comunidade e escola. Incentivando e oportunizando aos alunos e professores da escola que prestigiem eventos realizados por outras instituições de ensino da cidade e região. Existem casos em que os alunos são dispensados para assistir a shows e comícios, mas não para visitar uma feira do conhecimento ou um evento cultural que esteja acontecendo em outra escola. Luck (2000,p.17) afirma que é papel do diretor "A promoção de um sistema de ação integrada e cooperativa."

Quanto à equipe pedagógica (supervisores, orientadores) esta, infelizmente, é vista mais como adversária dos professores do que como parceira. Isto porque é ainda reduzido o número de profissionais dessa área que realmente se coloca ao lado dos professores apoiando-os e buscando apoio para as ações pedagógicas da escola.

Observa-se que muitas questões relacionadas à prática do professor não são discutidas, mas impostas por diretores, supervisores e/ou coordenadores que desconhecem a realidade da sala de aula. Para Quaglio (2003, p.52)

Nos sistemas educacionais um grande problema é, pois, quando os administradores e supervisores transformam seus conhecimentos, suas técnicas em algo estático, materializado, procurando estendê-los mecanicamente aos professores, invadindo o seu mundo, negando-lhes o poder de decisão(...). Para muitos, o tempo com o diálogo é perdido, o que não é verdade se, através do diálogo, problematiza-se, critica-se e, criticando, se inserem os professores na realidade como verdadeiros sujeitos da transformação.

No entanto, não se pode aqui ignorar a atitude negativa de muitos professores frente ao trabalho da equipe diretiva da escola, dificultando ainda mais o diálogo e cooperação entre os dois grupos. Além de conhecer o papel e importância dessa equipe, é preciso reconhecer que:

Os especialistas (supervisor, orientador, diretor) são possuidores de um conhecimento específico em uma área, assim como cada professor o é; o trabalho coletivo dessas diferentes especialidades na escola é que provocará mudanças. (HORA, 2004, p.52)

Com respeito à falta de cooperação entre os professores já tratamos da questão no tópico anterior, contudo não se pode deixar de pontuar aqui a relação professor x aluno. É lamentável constatar que ainda existem os professores fechados ao diálogo com os alunos, que os tratam como seres 'inferiores' e sem direito à voz em sala de aula. Docentes que confundem autoridade com autoritarismo.

Não se pode conceber que o interior da escola funcione como uma arena onde se reúnem os melhores competidores para o espetáculo. É necessário que todas as categorias trabalhem integradas, reconhecendo o valor e importância de cada uma, valorizando os pontos positivos, compreendendo e aceitando as diferenças e ,acima de tudo, respeitando o outro como ser humano dotado de qualidades e defeitos.Porque:

Se a escola tem um projeto educacional a desenvolver, sob todos os aspectos solidário, não se pode admitir a competição entre direção e supervisão, supervisão e professores, corpo docente e corpo discente. Há uma totalidade que deve ser resguardada, em todas as ações, e ela só pode ser atingida pela

cooperação e não pela competição. É necessário decidir o que se quer reforçar e as relações que devem ser enfatizadas. Porque o que se assiste hoje é o reforço dos esquemas competitivos e egoístas, no interior da escola, a marcar as relações entre as várias categorias de pessoal que aí convivem. (RODRIGUES,2000,pp.68-69)

Sabemos que como todo grupo social, a escola agrega pessoas com objetivos distintos, aspirações pessoais, visão de mundo particular, qualidades e características peculiares, e é esse conjunto diversificado que enriquece o ambiente escolar, contudo é preciso fazer com que as diferenças contribuam para o crescimento coletivo e não sirvam de divisão entre seus membros ou mesmo se transformem em armas para competições entre grupos. Como afirma o mesmo autor:

Somente mediante um trabalho solidário se poderá prevenir contra as decisões isoladas, permeadas de interesses individuais. Todos devem trabalhar conjuntamente para alcançar o objetivo maior da escola e, por isso, o planejamento cooperativo é indispensável. (p. 85)

Quando todos os profissionais que integram a escola participarem da elaboração do planejamento, e as decisões que envolvem o grupo forem tomadas em conjunto e não apenas por duas ou três pessoas, haverá um maior engajamento de todos nas atividades escolares e, conseqüentemente, maior cooperação e cumplicidade entre os envolvidos, ou seja, existirão menos profissionais agindo como 'leões e ratos'.

Considerações finais

Trabalhar em equipe não é uma tarefa fácil, pois exige de seus membros desprendimento de si mesmo, saber ouvir o outro. É preciso compartilhar, colaborar, contribuir para que uma proposta tenha êxito e estar consciente de que no final, muitas vezes, seu nome nem será lembrado, e para muitos essa idéia é desanimadora e frustrante já que o ser humano espera sempre ao final de um trabalho o reconhecimento (alguns mais que outros, é claro, mas a verdade é que todos esperam).

Contudo, faz-se necessário que a palavra 'cooperação' deixe de constar apenas no papel e discursos e torne-se prática nas escolas brasileiras, lembrando que se a escola quer formar cidadãos solidários e participativos, a melhor lição é o exemplo de todos aqueles que compõem o seu quadro funcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, Millôr. *Fábulas Fabulosas*. 11 ed. Rio de Janeiro. Nórdica, 1995.
- HORA, Dinair Leal da. *Gestão democrática na escola*. 11 ed. Campinas, S.Paulo. Papirus,2004.
- LENHARD, Rudolf. *Escola: dúvidas e reflexões*. São Paulo. Moderna, 1998.
- LUCK, Heloísa. *Ação Integrada. Administração, supervisão e orientação educacional*. 17 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2001.
- MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. SãoPaulo. Sunmus,2003.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Por Alegre. Artes Médicas, 2000.
- QUAGLIO, Paschoal. "Administração, Supervisão, Organização e Funcionamento da Educação Brasileira." In: MACHADO, Lourdes Marcelino (coord.) e MAIA, Graziela Zambão Abdian (org.). *Administração e Supervisão escolar questões para o novo milênio*. São Paulo. Pioneira Thomson,2003.
- RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação*. 12 ed. São Paulo. Ed. Cortez, 2000.

SUGESTÃO DE LEITURA

ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA Para ler a história oral

ALBERTO LINS CALDAS
Edições Loyola

RESUMO: O livro tem duas estruturas. Na primeira, constitui uma crítica ao conhecimento, às naturalizações, universalizações e paradigmas da ocidentalidade, propondo uma Hermenêutica do Presente como instância de debate e resistência; na segunda, delinea o diálogo dessa Hermenêutica com a História Oral e, em

especial, com a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy, tentando superar os atuais impasses tanto da História quanto da História Oral, pondo em diálogo teorias, métodos e procedimentos em busca de uma maior autonomia das reflexões em torno da oralidade.

SUMÁRIO: A Natureza, Os Sentidos, O Olhar, O Corpo, A História, Ficção, Tempo e Memória, A Razão do Senhor, A Ciência, Empirismo, O Tempo da História Oral, Memória, Psicologia Textual, História Oral, Ficção e Realidade, Premissas Metodológicas, Procedimentos Gerais, Procedimentos Específicos, Comunidade de Destino / Colônia / Rede, O Projeto, As Gravações, A Entrevista, A Transcrição, A Textualização, A Transcrição, Interpretação e Leitura.

Áreas de interesse: História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras.

Palavras-chave: Hermenêutica, História Oral, Metodologia, Texto, Interpretação.